

# Cadernos Teologia Pública



## Misericórdia, Compaixão e Amor: O rosto de Deus no Evangelho de Lucas

Ildo Perondi

Fabrizio Zandonadi Catenassi

ISSN 1807-0590 (impresso) • ISSN 2446-7650 (Online)  
ano XIII • número 118 • volume 13 • 2016

INSTITUTO  
HUMANITAS  
UNISINOS 

 UNISINOS

**Misericórdia, Compaixão e Amor:  
O rosto de Deus no Evangelho de Lucas**

***Mercy, Compassion and Love:  
The face of God in the Gospel of Luke***

**Resumo**

Lucas, o autor do terceiro Evangelho, é um escritor habilidoso. Em sua narrativa, revela a salvação em Jesus, passando por traços do rosto de Deus, desenhados na misericórdia, compaixão e amor. Nessa edição dos Cadernos Teologia Pública, objetivamos oferecer um estudo da misericórdia no Evangelho de Lucas. Passamos pela análise do uso dos termos no campo semântico da misericórdia e compaixão pelo terceiro evangelista, para seguir com o estudo de passagens e temas específicos: os evangelhos da infância, o uso intencional da expressão “mover-se de compaixão”, as parábolas de misericórdia. Finalmente, mostramos no Evangelho de Lucas a preferência de Jesus pelos pequenos, o papel privilegiado das mulheres e os grandes perdões que marcam o relato, especialmente o do malfeitor arrependido na cruz. Ao final, a misericórdia é identificada no terceiro Evangelho como programa de vida, que deve fundamentar a prática das comunidades cristãs. Lucas nos ensina que a forma mais justa de enxergar a história é pela misericórdia. Quando o encontro com a misericórdia se transforma em proposta de vida, podemos escutar, assim como o crucificado, a promessa que dá à existência um novo horizonte: “hoje estarás comigo no Paraíso” (Lc 23,43).

**Palavras-chave:** Misericórdia; Compaixão; Amor; Rosto de Deus; Evangelho de Lucas.

**Abstract**

Luke, the author of the third Gospel, is a skilled writer. In his narrative, he reveals the salvation in Jesus, enlightening traces of the face of God, drawn in mercy, compassion and love. In this edition of Cadernos Teologia Pública, we aim to offer a study of mercy in the Gospel of Luke. We analyzed the use of terms in the semantic field of mercy and compassion by the third evangelist, and studied specific pericopes and themes: the gospels of childhood, the intentional use of the expression “to move with compassion”, the parables of mercy. Finally, we show in Luke’s Gospel the preference of Jesus for the little ones, the privileged role of women and the great pardons that mark the story, especially that one of the repentant malefactor on the cross. In the end, mercy is identified in the third Gospel as a life program, which must be the base for the practice of Christian communities. Luke teaches us that the most just way of looking at history is by mercy. When the encounter with mercy becomes a proposal of life, we can hear, like the crucified, the promise that gives us a new horizon: “Today you will be with me in Paradise” (Lc 23,43).

**Keywords:** Mercy; Compassion; Love; Face of God; Gospel of Luke.

# **Misericórdia, Compaixão e Amor:** O rosto de Deus no Evangelho de Lucas

**Ildo Perondi**

Pontifícia Universidade Católica do Paraná

**Fabrizio Zandonadi Catenassi**

Pontifícia Universidade Católica do Paraná e Centro Universitário – Católica de Santa Catarina

**Cadernos Teologia Pública** é uma publicação impressa e digital quinzenal do **Instituto Humanitas Unisinos – IHU**, que busca ser uma contribuição para a relevância pública da teologia na universidade e na sociedade. A teologia pública pretende articular a reflexão teológica e a participação ativa nos debates que se desdobram na esfera pública da sociedade nas ciências, culturas e religiões, de modo interdisciplinar e transdisciplinar. Os desafios da vida social, política, econômica e cultural da sociedade, hoje, constituem o horizonte da teologia pública.

**UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS – UNISINOS**

**Reitor:** *Marcelo Fernandes de Aquino, SJ*

**Vice-reitor:** *José Ivo Follmann, SJ*

**Instituto Humanitas Unisinos**

**Diretor:** *Inácio Neutzling, SJ*

**Gerente administrativo:** *Jacinto Schneider*

**www.ihu.unisinos.br**

**Cadernos Teologia Pública**

Ano XIII – Vol. 13 – Nº 118 – 2016

ISSN 1807-0590 (impresso)

ISSN 2446-7650 (Online)

**Editor:** Prof. Dr. Inácio Neutzling

**Conselho editorial:** MS Ana Maria Casarotti; Profa. Dra. Cleusa Maria Andreatta; MS Jeferson Ferreira Rodrigues; Profa. Dra. Susana Rocca.

**Conselho científico:** Profa. Dra. Ana Maria Formoso, Unilasalle, doutora em Educação; Prof. Dr. Christoph Theobald, Faculdade Jesuíta de Paris-Centre Sèvres, doutor em Teologia; Prof. Dr. Faustino Teixeira, UFJF-MG, doutor em Teologia; Prof. Dr. Felix Wilfred, Universidade de Madras, Índia, doutor em Teologia; Prof. Dr. Jose Maria Vigil, Associação Eumênica de Teólogos do Terceiro Mundo, Panamá, doutor em Educação; Prof. Dr. José Roque Junges, SJ, Unisinos, doutor em Teologia; Prof. Dr. Luiz Carlos Susin, PUCRS, doutor em Teologia; Profa. Dra. Maria Inês de Castro Millen, CES/ITASA-MG, doutora em Teologia; Prof. Dr. Peter Phan, Universidade Georgetown, Estados Unidos da América, doutor em Teologia; Prof. Dr. Rudolf Eduard von Sinner, EST-RS, doutor em Teologia.

**Responsáveis técnicos:** Profa. Dra. Cleusa Maria Andreatta; MS Jeferson Ferreira Rodrigues.

**Revisão:** Carla Bigliardi

**Imagem da capa:** Patrícia Kunrath Silva

**Editoração:** Rafael Tarcísio Forneck

**Impressão:** Impressos Portão

Cadernos teologia pública / Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Instituto Humanitas Unisinos. – Ano 1, n. 1 (2004) - . – São Leopoldo: Universidade do Vale do Rio dos Sinos, 2004- . v.

Irregular, 2004-2013; Quinzenal (durante o ano letivo), 2014.

Publicado também on-line: <<http://www.ihu.unisinos.br/cadernos-ihu-teologia>>.

Descrição baseada em: Ano 11, n. 84 (2014); última edição consultada: Ano 11, n. 83 (2014).

ISSN 1807-0590

1. Teologia 2. Religião. I. Universidade do Vale do Rio dos Sinos. Instituto Humanitas Unisinos.

CDU 2

Bibliotecária responsável: Carla Maria Coullart de Moraes – CRB 10/1252

Solicita-se permuta/Exchange desired.

As posições expressas nos textos assinados são de responsabilidade exclusiva dos autores.

Toda a correspondência deve ser dirigida à Comissão Editorial dos Cadernos Teologia Pública: Programa Publicações, Instituto Humanitas Unisinos – IHU  
Universidade do Vale do Rio dos Sinos – Unisinos  
Av. Unisinos, 950, 93022-750, São Leopoldo RS Brasil  
Tel.: 51.3590 8213 – Fax: 51.3590 8467  
Email: [humanitas@unisinos.br](mailto:humanitas@unisinos.br)

# **Misericórdia, Compaixão e Amor: O rosto de Deus no Evangelho de Lucas**

Ildo Perondi

Pontifícia Universidade Católica do Paraná

Fabrizio Zandonadi Catenassi

Pontifícia Universidade Católica do Paraná e Centro Universitário – Católica de Santa Catarina

## **1. Introdução**

Lucas, o autor do terceiro Evangelho, é um escritor habilidoso. Constrói seu texto para revelar a salvação de Jesus com muita habilidade literária, o que permite que a seleção das fontes que o autor usa e a forma com que as estrutura estejam em função da teologia que quer fazer chegar ao leitor.

É nesse sentido que podemos nos debruçar sobre o texto de Lucas e olhar com atenção especial para as

palavras que seleciona e para algumas narrativas que faz questão de inserir em seu Evangelho, aproximando-nos do coração que pulsa em seu relato. A “forma” do texto certamente não é a bandeira que demarca o ponto final do nosso estudo, funciona mais como placa que aponta para o caminho. Na linha de chegada, está o amor misericordioso do Pai.

A misericórdia é marca de alguns textos do Antigo Testamento (AT). Quando a ética divina é apresentada a Moisés no topo do Sinai, Israel se rebela aos pés da mon-

tanha, construindo o bezerro de ouro (Ex 32,1-6), um pecado sem precedentes. Nessa ocasião, Deus revela seu ser: “um Deus de ternura e de misericórdia” (Ex 34,6). A obra de salvação que percorre a história de Israel é fundada na misericórdia.

As tradições do AT preservam a convicção de que a ação benevolente de Deus é superior à dos homens, já que a misericórdia de Deus permanece para sempre (Is 54,8; 55,3; Jr 33,11; Mq 7,20; Sl 85,8; 90,14; 100,5; 106,1; 107,1). Diante disso, os braços misericordiosos do Pai também se estendem no Novo Testamento, encontrando um bom berço no Evangelho de Lucas. Ali, a imagem do Pai é representada em termos de sua misericórdia e compaixão para com os homens. Essa característica de Deus é anunciada e experimentada em Jesus Cristo.

Esta edição dos *Cadernos Teologia Pública* objetiva oferecer um estudo da misericórdia no Evangelho de Lucas. Passaremos pela análise dos termos utilizados por Lucas no campo semântico da misericórdia e compaixão, para seguir com o estudo de passagens e temas específicos<sup>1</sup>: os evangelhos da infância, as parábolas de

misericórdia, o uso do verbo “mover-se de compaixão”, a preferência pelos pequenos e a misericórdia como programa de vida.

## 2. Um vocabulário bem selecionado

Para desenhar o rosto divino em seu Evangelho, Lucas expressa na língua grega alguns termos hebraicos que indicam a misericórdia e a compaixão, que são duas palavras quase sinônimas no Novo Testamento (NT). Em um versículo exortativo, fala também do “amor de Deus”, como veremos adiante.

### 2.1. Na língua-mãe da Bíblia: o hebraico

Quando as traduções em português trazem, no texto de Lucas, o termo “misericórdia”, em geral tentam traduzir três termos hebraicos<sup>2</sup>. O primeiro é *rahamim*,

1 Alguns elementos resgatam e ampliam as ideias de: PERONDI, I. Lucas: o Evangelho da Misericórdia! *Estudos Bíblicos*, Petrópolis, v. 33, n. 130, p. 56-67, abr./jun. 2016.

2 A tradução dos termos nesta seção é apresentada de maneira breve. A polissemia dos vocábulos hebraicos exige um exame mais profundo para o leitor, motivo pelo qual apresentamos as obras às quais recorreremos para este estudo: BUZZETTI, C. *Dizionario base del Nuovo Testamento (con statistica-base) Greco-Italiano*. Roma: Società Biblica Britannica & Forestiera, 1994; ESSER, H. H. Misericórdia, Com-

que é o amor entranhado, é o sentimento das vísceras maternas diante dos outros. O segundo é o *hen*, que é a graça de Deus. Finalmente, o *hesed*, o amor que une duas pessoas, cuja abundante ocorrência na LXX o faz merecedor de uma maior atenção.

J. McKenzie<sup>3</sup> apresenta um estudo das palavras que são associadas a *hesed* e ajudam a entender seu significado. O termo aparece em conjunto com ‘*emet*, que indica “verdade”, “firmeza”, “resolução”, “fidelidade” e, assim, pode ser entendido como um elemento típico das boas relações humanas, mas também como uma qualidade que torna a pessoa confiada e digna de fé. Quando associado a *mishpat* (“juízo/direito/justiça”), *tsedaqah* (“justiça/retidão”), *yeshu’a* (“salvação”) e *shalom* (“paz”), mostra Deus como juiz, mas em sua atitude libertadora de Deus, ou seja, como a vontade de salvar. Mas também aparece associado a sentimentos: ao próprio *rahamim* ou à aliança de Deus com Israel (ela própria é chamada de *hesed*), revelando a vontade de

Deus de salvar o pecador: “por ocasião do pecado, o homem penetra mais profundamente ainda no mistério da ternura divina”<sup>4</sup>.

A abundância desses termos no AT muitas vezes é aplicada para demonstrar a natureza de Deus. A imagem popular que se faz do Deus veterotestamentário desconsidera grande parte das perícopes que manifestam na vontade de Deus a inclinação de seu ser para fazer o bem para o homem, a partir dessa característica que o define: o amor misericordioso. Deus é bondade estável, um amor de entranhas, uma graça que se abaixa em direção ao que sofre. Na gênese da aliança que Deus faz com a humanidade, está sua capacidade de amar. “Toda a história das relações de Iahweh com Israel pode ser resumida em *hesed*: esse é o motivo que dá unidade e inteligibilidade a todas as suas relações com os homens”<sup>5</sup>.

## 2.2. A transposição para o grego

Quando os evangelhos são escritos, a língua grega dominava o mundo então conhecido, em grandes

paixão. In: COENEN, L.; BROWN, C. *Novo dicionário internacional de teologia do Novo Testamento*. 3. ed. São Paulo: Vida Nova, 1985, p. 176-182; KÖSTER, H. *σπλαγγνον*. In: KITTEL, G. (Ed.). *Grande lessico del Nuovo Testamento*. Brescia: Paideia, 1963-1988, p. 903-934.  
3 MCKENZIE J. L. *Dicionário bíblico*. São Paulo: Paulus, 1984, p. 562-563.

4 CAMBIER, J.; LEÓN-DUFOUR, X. Misericórdia. In: LEÓN-DUFOUR, X. et al. *Vocabulário de teologia bíblica*. Petrópolis: Vozes, 1972, p. 595.

5 MCKENZIE, op. cit., p. 563.

partes, pelas dominações gregas do séc. IV a. C., que espalharam a cultura helênica no mundo antigo. Essa característica permanece no começo da era cristã. Ao resgatar a imagem de Deus do AT, Lucas manifesta-se em grego, portanto precisa transpor para seus leitores gregos os três termos hebraicos apresentados anteriormente. A Septuaginta (LXX), versão grega do AT, traduzia o termo *hesed* cerca de 400 vezes por *eleos* e cerca de 80 vezes por *oiktirmon*<sup>6</sup>. Então, esses dois termos foram naturalmente adotados nos evangelhos para referir-se à misericórdia. *Eleos*, para este amor que exprime o sentimento interior, e o verbo *oiktirmos* e seus derivados, para indicar a expressão externa da misericórdia. As nossas traduções optam por *misericórdia*, do latim: *misericordia* (“compaixão”) e *cordis* (“coração”).

Correspondendo a *rahamim* está o verbo grego *splanchnizomai*, que remete aos órgãos vitais, já que o substantivo *splanchna*, em seu sentido clássico, indica o coração, rins, pulmões e fígado<sup>7</sup>. Portanto, agir com

compaixão é sentir com as entranhas. No Novo Testamento, é um termo pouco usado. Em Marcos e Mateus é exclusivo para Jesus, é um sentimento messiânico. Lucas usa apenas três vezes esse verbo, como analisaremos mais adiante.

### 2.3. Falando em números...

Quando se recorre a um dicionário bíblico buscando o termo “misericórdia” ou “compaixão”, é fácil perceber a quantidade de alusões ao material lucano, especialmente do Evangelho. De fato, para muitos estudiosos, o terceiro evangelho é o Evangelho da Misericórdia, pois Lucas é o evangelista que mais vezes emprega o termo.

O substantivo *eleos* aparece 27 vezes no NT, sendo que, nos evangelhos, só está presente em Mateus (3x) e Lucas (6x). Contando com suas variantes, aparece 78 vezes no NT, sendo 15 em Mateus e 20 em Lucas. Quanto ao verbo *oiktirmos* e seus derivados, das 10 ocorrências no NT, nos evangelhos, está presente só em Lucas

6 FAUSTI, S. *Una comunità legge il vangelo di Luca*. Bologna: EDB, 2011, p. 184.

7 Uma análise mais detalhada pode ser encontrada em: PERONDI, I. A compaixão de Jesus com a mãe viúva de Naim (Lc 7,11-17): o emprego do verbo *splanxizomai* na perícopa e no Evangelho de

Lucas. 2015. 300p. Tese (Doutorado em Teologia) – Universidade do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2015, p. 150-151.

(2x), na forma adjetivada. Para *splanchnizomai* e seus derivados, quanto aos evangelhos, aparece na forma de substantivo somente em Lucas. Na forma verbal, é típica de Marcos (5x), seguido por Mateus (4x) e, então, por Lucas (3x). Apesar de, numericamente, a recorrência a *splanchnizomai* ser menor em Lucas, o uso intencional e estratégico do verbo coloca-o em posição privilegiada no Terceiro Evangelho, como veremos adiante.

Passaremos agora a conhecer algumas passagens que evidenciam a misericórdia, a compaixão e o amor de Deus em Lucas.

### 3. Cantando a misericórdia!

Lucas coloca no início do seu Evangelho a infância de Jesus, a exemplo de Mateus. No entanto, no primeiro Evangelho, a infância é narrada na perspectiva de José (Mt 1-2), enquanto no terceiro Evangelho a mesma é narrada na perspectiva de Maria (Lc 1-2). Lucas relata as duas anunciações (a Zacarias e a Maria) e depois, colocando no intervalo os três cânticos, narra em paralelo o nascimento e a circuncisão de João Batista e de Jesus.

Lucas insere os acontecimentos salvíficos dentro da grande história humana. Por isso ele é, de fato, o evangelista do decreto de César Augusto (2,1), da viagem de Nazaré em direção ao sul para o recenseamento da família nazarena (2,3), e, no entanto, é também o evangelista do nascimento do menino enquanto a mãe está em viagem (2,6); é o evangelista da manjedoura – que aparece três vezes (2,7.12.16) – e do menino envolto em faixas – duas vezes (2,7.12). Este é o meio para que os pastores possam identificá-lo: “Este será o sinal: encontrareis um menino envolto em faixas deitado numa manjedoura” (2,12). Os relatos da infância comoveram cada geração da história cristã, mas os primeiros a ficarem comovidos foram os próprios narradores e o próprio evangelista, porque surpreendentemente Deus se revelava num menino desarmado e frágil.

É justamente no seio da história humana que Deus manifesta sua grandeza, na forma de uma atitude benevolente e cheia de amor para a humanidade. A reação humana à grande revelação divina é expressa em dois cantos, de Maria (conhecido como *Magnificat*, Lc 1,46-55) e de Zacarias (chamado *Benedictus*, Lc 1,67-79). Na comunidade primitiva, as narrativas da infância tinham uma função querigmática, porque anunciavam

Jesus Cristo aos que abraçavam a fé. Por isso, entre os relatos do nascimento de Jesus e de João Batista, estão algumas pausas importantes em forma de canto (de Maria, de Zacarias e dos anjos aos pastores), reflexivas, na qual o leitor do Evangelho pode interiorizar a mensagem de salvação que ganha vida em Jesus<sup>8</sup>.

O primeiro canto em Lucas é entoado por Maria, a jovem de Nazaré. É uma resposta, em primeiro lugar, a uma grande manifestação de Deus, que não acontece no “organismo oficial” onde Deus se revelava, o Templo de Jerusalém. A voz dos céus é escutada em um pequeno vilarejo no centro da Galileia, esquecido pelas autoridades e pelas rotas comerciais. Lucas mostra que Deus está no meio do seu povo! Em segundo lugar, o *Magnificat* desenha o efeito da visita de Maria à Isabel (Lc 1,39-45). Se o anjo, na anunciação, havia misteriosamente manifestado o plano de Deus para a humanidade, passando por Maria, na visitação a promessa torna-se realidade: Deus está se movendo em favor dos seus filhos.

O cântico de Maria mostra a forma humana de acolher a presença salvífica de Deus na história. A inter-

pretação desse grande evento é feita recorrendo ao Antigo Testamento: o conteúdo do *Magnificat* é um mosaico de textos tirados do Antigo Testamento, especialmente do cântico de Ana (1Sm 2) e de diversos salmos. De fato, Lucas conhece bem as Sagradas Escrituras hebraicas, o nosso Antigo Testamento, a quem atribui um caráter fundante<sup>9</sup>. É como se elas lançassem luzes para entender o Novo Testamento que estava sendo gestado.

Nos traços recordados do Antigo Testamento pelo *Magnificat*, estão as ações que Deus já realizou pelo seu povo. Deus é lembrado como o santo (1,49), e a manifestação de sua santidade está em sua misericórdia<sup>10</sup>, estável, que se manifesta de geração em geração (1,50), progressivamente, em favor da humanidade. É a primeira vez que um dos termos que definem o olhar misericordioso e compassivo (*eleos*) aparece no texto bíblico,

8 FABRIS, R. O Evangelho de Lucas. In: FABRIS, R.; MAGGIONI, B. *Os Evangelhos II*. 4. ed. São Paulo: Loyola, 2006, p. 27.

9 LARKIN JR. W. J. Luke's use of the Old Testament as a key to his soteriology. *Journal of the Evangelical Theological Society*, Louisville, v. 20, 1977, p. 325-335; ERNST, J. *Il Vangelo secondo Luca*. Brescia: Morcelliana, 1985, v. 2, p. 330-335; BRODIE, T. L. Towards unravelling Luke's use of the Old Testament: Luke 7:11-17 as an *Imitatio* of 1 Kings 17:17-24. *New Testament Studies*, Cambridge, v. 32, n. 2, p. 247-267, 1986, p. 247-267; CRADDOCK, F. B. *Luca*. Torino: Claudiana, 2002, p. 18-19.

10 STÖGER, A. *O Evangelho segundo Lucas*. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1984, p. 62.

lembrando a aliança firme que Deus faz com seu povo, de maneira livre e não por merecimento, lembrando o Êxodo e o Sinai<sup>11</sup>. É a mesma misericórdia que designa o ser de Deus e sustenta o amor fiel divino, mesmo nas situações de grande pecado dos israelitas (cf. Ex 34,6).

Maria também enaltece a presença de Deus na história de Israel, que ajudou seu povo “em recordação de sua misericórdia” (1,54). A misericórdia que vem do céu implica amparo. É a presença significativa de Deus que faz caminho com os que sofrem e os sustenta. Essa atitude de Deus é o cumprimento de uma promessa aos pais de Israel, mas não é legalista. Não significa que Deus é misericordioso porque não quer descumprir um trato outrora realizado com os homens. Trata-se do próprio ser de Deus, que foi revelado aos antepassados, mas ressoa na história de maneira estável<sup>12</sup>. Deus não pode ser outra coisa ao longo do tempo, porque ele é misericórdia!

Zacarias também reconhece a presença de Deus a partir do *eleos*. A aliança é mais uma vez unida à miseri-

córdia, já que Deus é elogiado “mostrando misericórdia para com nossos pais e se lembrando de sua aliança sagrada” (v. 72).

Ao mesmo tempo, a misericórdia também aparece em conjunto com a salvação. Falando da missão de João Batista, Zacarias o chama de profeta do Altíssimo, que prepara o caminho do Senhor para que o povo perceba que foram salvos pelo perdão dos pecados, “pelo sentimento profundo de misericórdia de nosso Deus” (1,78). O tempo preparado pelo Batista, tempo de salvação, é o tempo de misericórdia de Deus. “Esperava-se que, no final dos tempos, Deus enviasse sua misericórdia à terra (Test. Seb. 8,2). Agora, isto se torna realidade”<sup>13</sup>. Os efeitos da misericórdia são evocados na forma da libertação do povo, como uma luz que guia os homens no caminho da paz (1,73-79).

Ao contemplar a história de Deus entrando definitivamente na história dos homens, pela pessoa de Jesus Cristo, os cantos de Maria e Zacarias registrados no Evangelho de Lucas atestam a dimensão do *hesed* do Antigo Testamento, tão usado para designar Deus. Manifestam a vontade salvífica divina, anterior a qualquer

11 BROWN, R. E. *O nascimento do Messias*: comentário das narrativas da infância nos evangelhos de Mateus e Lucas. São Paulo: Paulinas, 2005, p. 402-429.

12 BOVON, F. *El Evangelio según San Lucas*. Salamanca: Sígueme, 1995, v. 1, p. 132

13 STÖGER, op. cit., p. 74.

atitude humana, que é uma resposta a uma exigência interior, uma fidelidade a si próprio<sup>14</sup>. Contudo, quando Jesus é o sujeito da misericórdia, há uma ampliação do termo assim como é usado no Antigo Testamento. *Eleos*, aplicado a Cristo, define mais uma atitude que Jesus tem em relação aos pecadores do que a vontade de salvar, como veremos a seguir.

#### 4. Três ocasiões para ser “movido de compaixão”

Lucas gosta da expressão “ser movido de compaixão”, representada pelo verbo grego *splanchnizomai*. Tanto Mateus quanto Marcos, como já vimos, usam *splanchnizomai* (Mt 9,36; 14,14; 15,32; 18,27; 20,34; Mc 1,41; 6,34; 8,2; 9,22), relacionando essa atitude compassiva sempre com Jesus, com exceção da parábola de Mt 18,27, na qual o sujeito é o patrão, que representa o agir de Deus<sup>15</sup>.

Lucas usa como base o texto de Marcos e uma fonte comum de Mateus. Como escritor habilidoso, faz um uso intencional e muito estratégico do verbo *splanchnizomai*. Nas vezes em que narra os episódios sinóticos que usam o verbo, omite este sentimento de Jesus (Lc 5,12-16; 9,10-17; 9,37-43; 10,2). Ao mesmo tempo, reserva o seu emprego para três passagens que só estão em seu Evangelho: a reanimação do filho da viúva de Naim (7,11-17), a parábola do bom samaritano (10,29-37) e a parábola do “filho pródigo” (15,11-32). Nas três vezes, elementos semelhantes são agrupados na órbita de *splanchnizomai*, formando uma cena-tipo<sup>16</sup>:

- a) *Uma situação de morte*: O filho único da mãe viúva estava sendo levado para fora da cidade para ser enterrado (7,12); o homem assaltado e machucado: “após havê-lo despojado e espancado, foram-se, deixando-o semimorto” (10,30); o filho longe da casa do pai e passando fome: “e eu aqui morrendo de fome” (15,17), o pai diz: “este meu filho estava morto” (15,24) e “esse teu irmão estava morto” (15,32).

14 MCKENZIE, op. cit., p. 564; CAMBIER; LEÓN-DUFOUR, op. cit., p. 594.

15 PERONDI, I. Presença do verbo mover-se de compaixão (σπλαγχνίζομαι) nos evangelhos sinóticos. *Atualidade Teológica*, Rio de Janeiro, v. 46, jan./abr. 2014, p. 168-169.

16 PERONDI, op. cit., 2015, p. 227-256.

- b) *A presença do verbo “ver”*: Jesus, ao chegar à porta da cidade, “viu” a mãe viúva e enlutada (7,13); o samaritano “viu” o homem caído e semimorto (10,33); o pai “viu” o filho quando ainda estava longe (15,20).
- c) *O verbo *splanchnizomai* é uma reação ao “ver”*: Jesus “foi movido de compaixão” ao ver a mãe (7,13); o samaritano “foi movido de compaixão” ao ver o homem caído (10,33); o pai “foi movido de compaixão” ao ver o filho voltando (15,20).
- d) *Ações que restauram a vida*: Jesus pediu para que a mãe não chorasse mais, aproximou-se do morto, tocou a padiola e fez parar os carregadores. Com a sua palavra, devolveu a vida e a fala ao jovem, que se sentou e começou a falar. Então, Jesus o entregou à sua mãe (7,14-15). Lucas descreve com sete expressões verbais a ação do samaritano em favor do homem caído: “aproximou-se”, “cuidou de suas chagas”, “derramando óleo e vinho”, depois “colocou-o em seu próprio animal”, “conduziu-o à hospedaria”, “dispensou-lhe cuidados” e, ainda,

no dia seguinte, “tirou dois denários e deu-os ao hospedeiro, dizendo: ‘Cuida dele, e o que gastares a mais, em meu regresso te pagarei’” (10,34-35). São várias as ações do pai: ele correu e pulou no pescoço do filho, cobrindo-o de beijos, depois interrompeu o discurso do filho e ordenou aos servos que depressa trouxessem a melhor túnica e o revestissem, que pusessem um anel no dedo e sandálias nos pés, que trouxessem o novilho cevado e o matassem para comer e festejar (15,22-23).

O uso intencional de *splanchnizomai* por Lucas está a serviço de uma importante catequese. Para descobri-la, temos que olhar para o sujeito dessa ação de compaixão. Na primeira vez, Jesus foi movido de compaixão; na segunda, o samaritano e, na terceira, o pai do filho pródigo (o pai neste caso é um “passivo divino” e representa o Pai). Ao olhar os três textos em seu conjunto, Lucas estaria mostrando que, como o Pai foi compassivo (15,20), Jesus também teve compaixão (7,13) e nós, os homens, também devemos ter compaixão (10,33).

Para ser movido de compaixão, é preciso colocar a atenção no olhar. O confronto com uma situação de

morte depende do tipo de olhar que a ela é direcionado. Jesus olha para a mulher enlutada; o samaritano olha para o homem caído; o pai olha para o filho que volta do chiqueiro dos porcos... Nos três casos, o “ver” faz as entranhas se comoverem. É preciso deixar-se compadecer.

A compaixão diante das misérias e necessidades leva Deus a visitar o seu povo. No Testamento dos Doze Patriarcas, o Messias esperado deveria ter sentimento de compaixão, pois expressava a visita de Deus ao seu povo<sup>17</sup>. Assim, Lucas ensina que o sentimento não é em si mesmo suficiente para gerar transformação. É preciso passar do mundo interior para o exterior, do sentimento para a ação. Os três textos que estudamos mostram que somente ações caritativas mudam, restauram a situação. É isso que fez Jesus; foi o que fez o samaritano; foi o que fez o pai. A série de ações beneficiou aqueles que estavam em estado de morte. O filho começou a falar e foi entregue à sua mãe. O homem machucado e abandonado foi curado e colocado em lugar seguro. O jovem perdido recuperou sua dignidade de filho e foi reintroduzido na casa paterna.

17 FITZMYER, J. A. *El Evangelio según Lucas*. Madrid: Cristiandad, 1987, v. 2, p. 187.

Não nos esqueçamos que nas três passagens narradas por Lucas estão presentes os legalistas. Lá estão os “*bastazontes*”, os carregadores que tiveram que parar ao toque de Jesus sobre a padiola (Lc 7,14). Diante do homem caído, passaram o sacerdote e o levita e, mesmo vendo-o, foram adiante (Lc 10,31-32). O filho mais velho representa bem os fariseus e escribas que “jamais transgrediram os mandamentos” (Lc 15,29). Com o rigor da Lei, o filho da viúva estaria enterrado até hoje; o homem caído teria ficado sem socorro e provavelmente teria morrido; e o filho mais novo jamais entraria na casa paterna. Leis duras continuam matando em nome de Deus. Compaixão e misericórdia são as atitudes que salvam e restauram a vida!

## **5. As três parábolas da misericórdia e da alegria (Lc 15)**

As três parábolas da misericórdia (Lc 15) fazem parte do material exclusivo de Lucas, mesmo que a parábola da ovelha perdida esteja também em Mt 18,12-14, uma vez que ali o contexto e sua formulação são bem diferentes. É interessante notar que, nessas três parábolas,

não aparece o termo “misericórdia”, mas elas expressam atitudes fortemente marcadas pela misericórdia em relação ao que está perdido.

O capítulo 15 é o centro e o coração do evangelho de Lucas, ensinando e demonstrando a pedagogia pastoral de Deus, que se deixa tocar em Jesus<sup>18</sup>. Nele, Lucas reuniu três histórias que ilustram o mesmo tema: participar da alegria de Deus, que, agora, por meio de Jesus, acolhe e salva os pecadores. O Evangelho de Lucas é o “evangelho da alegria”, marca presente desde o início (Lc 1,14.28.44.58; 2,10...). As três parábolas do capítulo 15 são chamadas também de “parábolas da alegria”, já que o tema perpassa as mesmas (Lc 15,5.6.9.10.32). A alegria é própria dos seguidores de Jesus. Os primeiros cristãos praticavam a mensagem de Jesus “partilhando o pão com alegria” (At 2,46).

Para entender o contexto em que foram contadas as três parábolas, precisamos ir aos primeiros versículos do capítulo 15. Jesus está entre dois grupos: (a) os publicanos e pecadores e (b) os fariseus e escribas (Lc 15,1-3). Os publicanos são um grupo social e represen-

tam os seres humanos separados de Deus, apegados aos bens materiais; os pecadores, por sua vez, representam os homens e mulheres que não cumprem os mandamentos de Deus<sup>19</sup>. É preciso que ambos (publicanos e pecadores) mudem de vida, pois uns oprimem seus semelhantes e os outros estão vivendo separados de Deus. Curiosamente, eles têm uma atitude de discípulos, pois se aproximaram de Jesus “para ouvi-lo” (Lc 15,1). Jesus não teve dificuldade de ir ao seu encontro ou acolhê-los onde eles estavam (5,29-32; 7,37-50; 10,7-9) e, agora, são eles que vêm até Jesus.

Os fariseus e escribas integram o outro grupo. Eles são “os defensores da tradição religiosa, que a interpretam e confiscam seu sentido em proveito próprio”<sup>20</sup>. Dentro do Evangelho, já são adversários conhecidos de Jesus (Lc 5,17.21.30; 6,7; 11,53). Sua forma de expressar-se é “murmurando” (Lc 15,2). Estes deveriam também ouvir e acolher a mensagem de Jesus, porém são espelhados no filho mais velho que não quis entrar e participar da festa.

18 MAZZAROLO, I. *Lucas: a antropologia da salvação*. Rio de Janeiro: Mazzarolo, 2004, p. 199.

19 BOVON, op. cit., v. 3, p. 33.

20 BOVON, op. cit., v. 3, p. 34.

**5.1. A parábola da ovelha perdida e reencontrada  
(Lc 15,4-7)**

A primeira parábola é da ovelha perdida, que mostra a preocupação, o cuidado, a busca e, finalmente, a alegria pela recuperação do que se perdeu. O pastor cheio de amor pela ovelha perdida é Deus Pai, é Jesus o bom/belo pastor (Jo 10,11ss). A parábola indica que um pastor tinha cem ovelhas e uma delas se perdeu. A ausência de uma ovelha é uma perda, uma dor para o pastor: não basta a presença das noventa e nove ovelhas, aquela uma que se perdeu faz falta. Ele deixa as noventa e nove ovelhas no deserto, mesmo que elas também corram risco. Deixá-las no deserto é também fazer com que se sintam solidárias e corresponsáveis por aquela uma que se perdeu.

Para recuperar aquela uma que falta, o pastor não tem uma atitude passiva. Não fica esperando que ela retorne por si mesma, mas dispense todos os esforços necessários até encontrá-la. Se ela se perdeu, torna-se presa fácil. Precisa do cuidado, pode estar correndo risco de morte. Por isso, o pastor só terá descanso e paz quando a encontrar.

A procura do pastor não cessa até encontrar a ovelha perdida. Então, ele a coloca nos ombros com alegria e retorna onde estão as demais. A cena é cheia de beleza; é pintada com os tons da compreensão absoluta que o pastor tem da situação da ovelha. Esperava-se a repreensão, o castigo por ter-se afastado das demais. Não é isso que ocorre, mas o acolhimento. O pastor, com a ovelha nos ombros e cheio de alegria, mostra que sua busca não foi em vão. Ele não faz a ovelha retornar ao lugar onde estão as demais, mas ele próprio a conduz. Ele sabe onde é o redil, o lugar seguro.

Em casa, o outro abrigo seguro, é o lugar para celebrar, já que a alegria precisa se expandir. Sua alegria não pode ficar só para si e para o rebanho completo, precisa ser compartilhada com os amigos e vizinhos, a quem diz: “Alegrai-vos comigo!” (15,6) A alegria é um sentimento que precisa ser partilhado. Ninguém consegue ser feliz sozinho.

A alegria do pastor é também a alegria de Deus. O AT traz tantas imagens de Deus como bom pastor (Is 40,11; Jr 23,1-4; Ez 34; Sl 23). A alegria de Deus é a reunião de todos os filhos e não somente dos “justos”. É quando estão todos juntos que a alegria é completa, como a alegria da mãe ao ver a família reunida. A alegria

no céu é completa quando todos estiverem presentes, sobretudo aqueles que haviam se extraviado. Haverá, sim, alegria por aqueles que se mantiveram fiéis, mas muito mais pelo retorno daqueles que se perderam. A mesa da partilha não pode ter alegria se está lá a cadeira vazia de um irmão nosso.

A parábola da ovelha perdida e encontrada mostra como é o agir de Deus, de Jesus, o Bom pastor. A graça que Deus usou para conosco, seus inimigos quando pecamos e nos perdemos nas estradas da vida. Ele vem ao nosso encontro e, quando nos deixamos encontrar, abraça-nos e nos carrega nos ombros. E isso exige também de nós que devemos manifestar a nossa atitude em relação aos nossos inimigos (Lc 6,27-36) e aos nossos irmãos e irmãs pecadores (Lc 6,36-38). Não podemos esperar que os pecadores se arrependam e retornem à Igreja, é preciso ir em busca deles, ir encontrá-los onde se perderam. O Pai não exclui de seu coração nenhum filho. Só se exclui do Pai quem exclui um irmão ou irmã. Mas Jesus, o Filho que conhece o Pai, faz de tudo para recuperar também aquele ou aquela que, excluindo o irmão, exclui-se do Pai.

## **5.2. A parábola da mulher que encontra a moeda perdida (Lc 15,8-10)**

Depois de narrar uma parábola com ambiente pastoril, Lucas apresenta uma parábola ambientada na vida doméstica da casa, na qual a protagonista é uma mulher. Há uma nítida progressão em relação à parábola anterior: antes, havia cem ovelhas e uma se perdeu; agora temos dez moedas e uma foi perdida<sup>21</sup>. Novamente estamos diante do tema da perda e da procura. A mulher “acende a lâmpada, varre a casa e procura cuidadosamente até encontrá-la” (15,8). São traços do jeito feminino de agir. Se antes o pastor reuniu os amigos e vizinhos (15,6), agora é a mulher que reúne as amigas e vizinhas (15,9) para partilhar a sua alegria.

Esta alegria da mulher é comparada à alegria celeste. No céu haverá ainda mais alegria por causa de um pecador que se converte. O pecador convertido alegra nosso Deus, assim como o retorno da esposa infiel ao seu esposo: “Como a alegria do noivo pela sua noiva, tal será a alegria que teu Deus sentirá em ti” (Is 62,5).

<sup>21</sup> MAZZAROLO, op. cit., p. 200.

### 5.3. A parábola do filho reencontrado (Lc 15,11-32)

Mais conhecida como “parábola do filho pródigo”<sup>22</sup> (Lc 15,11-32), é, provavelmente, a mais famosa das parábolas de Jesus. Além de ser um clássico de intuição espiritual, é uma joia literária. Estamos diante de um “passivo divino”, ou seja: o pai da parábola representa o Pai. Uma imagem primária de Deus na narração da viagem de Jesus para Jerusalém era de Deus como Pai, já presente anteriormente no Evangelho de Lucas (11,1-13; 12,22-34)<sup>23</sup>. Com esta parábola, Jesus quer demonstrar a misericórdia do Pai diante dos pecadores.

22 Este título provém da Vulgata, em nota marginal: *De filio prodigo* (FITZMYER, op. cit., v. 3, p. 670). O personagem central é o pai, que tem uma atitude prodigiosa (FITZMYER, op. cit., v. 3, p. 673; GOURGES, M. *As parábolas de Lucas*: do contexto às ressonâncias. São Paulo: Loyola, 2005, p. 117-120; MARSHALL, I. H. *The gospel of Luke*. Carlisle: The Paternoster, 1978, p. 604). Bovon prefere o título de “os dois filhos” (BOVON, op. cit., v. 3, p. 74). Talvez o título melhor seja “A parábola do amor do Pai” (JEREMIAS, J. *Las parábolas de Jesús*. 3. ed. Estella: Verbo Divino, 1974, p. 130; ERNST, op. cit., v. 2, p. 641).

23 GREEN, J. B. *The gospel of Luke*. Grand Rapids: Eerdmans, 1997, p. 579. Para o autor, o desenho lucano destoa da imagem de pai encaixada nos horizontes do mundo romano. Nesta sociedade patriarcal, as características atribuídas ao pai geralmente se remetem a autoritarismo e controle legal ao invés de cuidado e compaixão.

O cenário desta parábola é a casa paterna. Nela, Jesus apresenta o pai de família e seus dois filhos, um mais jovem e outro mais velho (15,11-12). Essa imagem alude ao conhecimento dos ouvintes sobre as histórias de dois irmãos, como Esaú e Jacó (Gn 25,27-34), também José e seus irmãos (Gn 37,1-4), nas quais o irmão mais novo triunfa sobre o mais velho. Mas, nessa parábola, Jesus inverte duplamente as expectativas: o “filho pródigo” é uma paródia do bem-sucedido irmão mais novo; e o mais velho não é derrotado, mas convidado para a festa.

O filho mais novo, à medida que se afasta do Pai e vai para uma terra longínqua, perde tudo e fica na miséria. O filho passou por uma carência progressiva<sup>24</sup>: “começou a passar privações” (15,14) até que chegou a um estado de total insatisfação e necessidade, “queria matar sua fome” (15,16). Ao final, a única coisa que lhe resta é trabalhar num chiqueiro para cuidar dos porcos (15,15). Para os judeus, cuidar dos porcos evoca a ideia de apostasia e a perda da sua identidade. O porco era o animal mais usado nos sacrifícios gregos e romanos.

24 HARNISCH, W. *Las parábolas de Jesús*: una introducción hermenéutica. Salamanca: Sígueme, 1989, p. 177.

Do ponto de vista judaico, comer carne de porco era sinônimo de paganismo e apostasia do judaísmo (2Mc 6,18-10; Is 65,1-5). Era o cúmulo da degradação para um judeu, pois o porco era um animal impuro (Lv 11,7). Portanto, o jovem torna-se impuro, perde a sua dignidade. A sua situação é tão deplorável, que ele está abaixo dos porcos, porque os porcos comem e ele não pode nem matar a sua fome com as bolotas que alimentam os porcos (Lc 15,16). Ou seja, uma humilhação, pois os porcos gozam de melhor sorte que ele. É nesta situação que ele resolve voltar para casa, não mais para ser filho, mas para ser um servo.

O pai, movido de compaixão, viu o filho quando “ele ainda estava longe” (Lc 15,20), correu ao seu encontro, abraçou-o, cobriu-o de beijos! O pai não leva o assunto por via legal, como prescrevia a lei judaica, condenando ao apedrejamento o filho rebelde (Dt 21,18-21), mas se deixa levar pelo afeto paternal. Para o pai, a única coisa que importa é que o filho está vivo, foi reencontrado com “saúde” (Lc 15,27). Não há nenhum espírito de recriminação, nenhum plano de fazer com que o jovem se mostre merecedor. O filho é mais importante do que qualquer coisa que tenha feito. O ambiente da casa muda: retorna a alegria e começa a festa.

É assim que Deus age diante dos filhos pecadores que regressam. A parábola nos ensina que podemos voltar sempre para a casa do Pai. E também agir como Deus para sermos “misericordiosos como o Pai do céu é misericordioso” (Lc 6,36).

## **6. Em Lucas, Jesus é o defensor dos pequenos**

O Antigo Testamento reúne uma série de histórias que mostram Deus ao lado do seu povo que sofre. É paradigmática a atitude de Deus, que coloca em movimento o plano do êxodo, vendo a miséria do povo, ouvindo seu grito, conhecendo suas angústias e descendo para libertá-los (Ex 3,7). A realidade nos tempos de Jesus, após o período dos Macabeus e diante de uma nova forma de governo, a hierocracia que havia se formado, resultou em um mundo de grandes injustiças. No Novo Testamento, ainda ressoa o grito dos salmistas, que pedem que Deus venha com sua piedade para salvá-lo: “Piedade de mim, Senhor” (Sl 4,2; 6,3; 9,14; 25,16). O Evangelho de Lucas mostra que Jesus, imagem de Deus, é o defensor do pobre, da viúva e do órfão. Um novo êxodo que acontece continuamente em favor do que sofre.

### 6.1. O evangelho dos pobres

Lucas transmite a imagem de Jesus como o “bom médico” de corpos de almas, capaz de expressar seus sentimentos, de ter compaixão e sensibilidade diante dos pobres, dos excluídos e das pessoas que sofrem, seja de doenças físicas ou por problemas psíquicos e espirituais. Jesus mostra-se como o portador da salvação para todos, é o Senhor da vida que vence a morte. O Jesus de Lucas é o pedagogo da inclusão, “é irmão do órfão, ele é o advogado da viúva desamparada, a esperança do desvalido, o crítico severo da liderança; ele é, enfim, o embaixador da misericórdia e da justiça”<sup>25</sup>. Com razão, Dante Alighieri definiu Lucas como “*scriba mansuetudinis Christi*” (escritor da docilidade de Cristo), justamente pela ênfase voltada à misericórdia de Jesus para com pecadores e renegados<sup>26</sup>.

Quando Jesus anuncia seu projeto, na sinagoga de Nazaré (4,16-21), ao fazer a leitura do Profeta Isaías (61,1-2), há uma preferência pelos pobres, a quem será anunciada a boa nova, a recuperação da vista aos cegos

25 MAZZAROLO, op. cit., p. 14.

26 KODELL, J. *Lucas*, in: BERGANT, D.; KARRIS, R. J. Comentário bíblico. 3. ed. São Paulo: Loyola, 2001, p. 73.

e a proclamação da liberdade aos presos e oprimidos, para então concluir com o anúncio do ano da graça de Deus. Casalegno nota que, em Lc 4,18, a evangelização dos pobres depende do primeiro verbo principal “me ungiu”, enquanto as outras atitudes dependem de “me enviou”<sup>27</sup>. Dessa forma, a evangelização dos pobres recebe no relato maior destaque com relação às outras ações de Cristo que o texto apresenta. Jesus atualiza o texto: “Hoje se cumpriu aos vossos ouvidos esta passagem da Escritura” (4,21). Este será o seu agir misericordioso tanto no anúncio como na sua prática a serviço do Reino.

### 6.2. As mulheres

A atenção especial do Evangelho de Lucas pelas mulheres pode ser percebida nos textos que são exclusivos do terceiro Evangelho. Em primeiro lugar, temos as narrativas da infância. A anunciação e o nascimento de Jesus são narrados a partir de Maria e não de José, como no Evangelho de Mateus. O encontro entre Maria

27 CASALEGNO, A. *Lucas: a caminho com Jesus missionário*. São Paulo: Loyola, 2003, p. 292.

e Isabel simboliza também o encontro entre o Antigo e Novo do projeto da salvação, culminando no *Magnificat* (1,39-56). Nos textos da apresentação, temos a presença da profetisa Ana (2,36-38). É Maria que conserva todos os fatos no coração (2,51).

Na parte narrativa do anúncio do Evangelho, podemos perceber a relevância das figuras femininas: na reanimação do filho da viúva de Naim (7,11-17); na mulher pecadora que muito amou e é perdoada (7,36-50); nas mulheres que o seguem e o servem com suas possibilidades (8,1-3); na refeição na casa de Marta e Maria em Betânia (10,38-42); na bem-aventurança sobre a mãe de Jesus e que foi proclamada por uma mulher desconhecida (11,27-28); na cura da mulher encurvada (13,10-17); nas mulheres que o acompanham no caminho do Calvário (23,27-32).

Além disso, encontramos em várias parábolas que estão presentes somente no Evangelho de Lucas elementos de protagonismos femininos, como na parábola da moeda perdida e a alegria por tê-la encontrado (15,8-10) e na parábola da viúva insistente diante do juiz iníquo (18,1-8).

A valorização das mulheres também passa pelo estilo de Lucas, que coloca em paridade elementos mas-

culinos e femininos<sup>28</sup>: episódios em que uma figura masculina está em paralelo com uma feminina (o *Magnificat* e o *Benedictus*, 1,46-55; 1,67-79); ou personagens dos dois gêneros dentro do mesmo relato (um fariseu e uma mulher pecadora, 7,36-37); uma parábola com protagonista masculino e outra feminina (o pastor das cem ovelhas e a mulher das dez dracmas, 15,4-10); no mesmo relato, o mesmo número de palavras masculinas e femininas, etc. Destaca-se ainda a presença das mulheres no material que Lucas apresenta em paralelo com Marcos e Mateus: 21,1-4 (só Mateus); 23,55-56; 24,5-8. É importante ressaltar a presença das mulheres também em Atos dos Apóstolos, onde o autor menciona mulheres vinte e quatro vezes.

Percebe-se que Lucas não se preocupa somente em inserir as mulheres em seus relatos, mas demonstra como elas são particularmente objeto da compaixão e da misericórdia divina. Assim como o interesse recai sobre aqueles que o mundo antigo desprezava, pecadores, mulheres e estrangeiros, ele destacou bem que a mulher também é chamada ao Reino de Deus (cf. Lc 11,27-18,

28 MEYNET, R. *Il Vangelo secondo Luca: analisi retorica*. Roma: EDB, 1994, p. 953-955.

no qual as mulheres podem ouvir e observar a Palavra de Deus, ou seja, ser discípulas!). Ela é, como todos os fracos deste mundo, a destinatária da alegre mensagem de salvação trazida aos pobres por Jesus Cristo.

### 6.3. Misericórdia e perdão

No Evangelho de Lucas, Jesus mostrou predileção por vítimas de um poder que criava uma situação de exclusão e opressão: doentes (Lc 4,40; 14,21-24), pobres, famintos (Lc 6,20-22; 16,19-31), pecadores (Lc 18,13-14), pagãos (Lc 7,1-10), crianças (Lc 18,15-17; 9,46-48)<sup>29</sup>. Ele é o “amigo de publicanos e pecadores” (7,34). Para aqueles que estavam longe da vida cúlta em Israel por incapacidade de cumprir todos os preceitos da Lei judaica ou para aqueles que haviam cometido o mal, a misericórdia que marca a ação de Jesus responde com o perdão irrestrito.

No Evangelho de Lucas, Jesus é o protagonista dos grandes perdões<sup>30</sup>: do perdão à mulher pecadora

(7,36-50), a Zaqueu (19,1-10), ao malfeitor arrependido (23,39-43) e também o perdão ao “filho pródigo” da parábola (15,11-32). Na cura do paralítico, a cura acontece para que os ouvintes de Jesus saibam que o Filho do Homem tem poder de perdoar os pecados na terra (5,17-26). No terceiro Evangelho, o chamado dos primeiros discípulos se dá também num momento de pesca, mas diferente de Marcos e Mateus. A condição de Pedro é de “pecador” (Lc 5,8) e não de pescador e, a partir da Palavra de Jesus, deixa de chamá-lo de “mestre” e passa a nomeá-lo “Senhor”<sup>31</sup>. Jesus vem em busca dos pecadores e excluídos pela religião. É a partir do encontro e da experiência misericordiosa com Jesus que surgem as mudanças de vida. O arrependimento, a conversão, o retorno, o encontro... A mudança radical de vida de quem estava perdido é expressa com a palavra *metanoia*<sup>32</sup>, que significa também uma mudança de mentalidade. Espera-se

São Paulo: Paulinas, 1982, p. 74-85.

31 PERONDI, I.; CATENASSI, F.; SILVA, G. S. A centralidade da Palavra de Deus em Lc 5,1-11. *Horizonte*, Belo Horizonte, v. 11, n. 30, 2013, p. 698-701.

32 O termo *metanoia* aparece cinco vezes no Evangelho de Lucas (3,3,8; 5,32; 15,7; 24,47) e mais seis vezes nos Atos. O verbo *metaneo*, em suas diversas formas, aparece nove vezes no Evangelho

29 ARTUSO, V. O Evangelho de Lucas: introdução teológica na perspectiva da missão. *Contemplação*, Marília, v. 6, 2013, p. 15

30 STUHLMUELLER, C. *Evangelho de Lucas*, São Paulo: Paulinas, 1975, p. 10; GEORGE, A., *Leitura do Evangelho segundo Lucas*,

então um novo começo de vida, uma oportunidade nova que Jesus oferece gratuitamente.

Somente no Evangelho segundo Lucas, Jesus leva Pedro ao arrependimento e ao pranto, cruzando o próprio olhar com o olhar de Jesus no palácio do sumo sacerdote: “E o Senhor, voltando-se, fixou o olhar em Pedro. Pedro então lembrou-se da palavra que o Senhor lhe dissera: ‘Antes que o galo cante hoje, tu me terás negado três vezes’” (22,61). Já mostramos como, em Lucas, Jesus é o parabolista das três parábolas da misericórdia (15,4-7; 15,8-10; 15,11-32), que manifestam grandes perdões.

Perdoar e acolher os pecadores não é um sinal de fraqueza; antes, é sinal de fortaleza e demonstra a coragem de retribuir com bondade e misericórdia diante de uma ação ou de uma pessoa em conduta errada. O perdão e a misericórdia transformam-se em atitudes capazes de salvar e regenerar. O pecado e o pecador tornam-se uma “boa ocasião” para quem pratica a misericórdia e o perdão, pois apresentam-se como situações que proporcionam a oportunidade para fazer o bem. “É

importante notar que a misericórdia se exercita no mal real e é o único amor possível numa situação de mal como é a nossa”<sup>33</sup>. Assim, o perdão apresenta-se como o instrumento e o remédio capaz de restaurar o mal praticado e com poder para reintegrar quem está excluído e marginalizado. Por isso, o Evangelho orienta o cristão a pedir o perdão todos os dias (11,4) e a estar disposto a perdoar os que ofendem mesmo que seja necessário fazê-lo sete vezes por dia (17,3-4).

Não basta ter o sentimento da misericórdia e da compaixão, tão necessários. Os exemplos narrados no Evangelho de Lucas nos mostram que as pessoas misericordiosas são também pessoas de ações eficazes. Por isso, se a misericórdia aproxima e acolhe os pecadores e excluídos, o perdão é a ação que restaura e reintegra. Em última instância, para Lucas, o dom gratuito da salvação passa pelo perdão e se realiza por meio dele<sup>34</sup>, o que pode ser notado na descrição da missão de João Batista (3,3) e, de maneira especial, na crucificação de Jesus, no episódio do malfeitor arrependido (23,39-43).

(10,13; 11,32; 13,3.5; 15,7.10; 16,30; 17,3.4) além de cinco vezes nos Atos (FITZMYER, op. cit., v. 1, p. 400).

33 FAUSTI, op. cit., p. 183.

34 CASALEGNO, op cit., p. 308.

#### 6.4. O malfeitor arrependido: uma justiça misericordiosa

Uma das cenas mais bonitas de perdão em Lucas acontece na narrativa da paixão, quando Jesus interage com dois malfeitores que haviam sido crucificados com ele (23,39-43)<sup>35</sup>. Os outros sinóticos não se interessam tanto pela história dos dois malfeitores, chamados ora de “ladrões” (Mt 27,44; Mc 15,27), ora de “outros” (Jo 19,98). Lucas abre uma janela na crucificação para que o leitor de seu Evangelho entre no mundo do perdão irrestrito.

Enquanto um dos malfeitores completa as zombarias que marcam a narrativa da paixão, pondo em xeque Jesus como rei, o que está crucificado à direita mostra uma atitude diferente. Primeiro, reconhece Jesus como rei, mesmo no momento mais crítico de sua humanidade, quando, aos olhos humanos, nada fazia lembrar sua realeza. O arrependimento do malfeitor na cruz é expresso com o pedido “lembra-te de mim”, que evoca a fórmula “Lembra-te de nós, Senhor...” (Sl 106,4), recor-

rente nas inscrições sepulcrais judaicas<sup>36</sup>. Ele viu Jesus como rei, confessa a realeza da qual todos zombaram. Sai da visão política e temporal do outro malfeitor e vai para uma dimensão eterna.

A resposta de Jesus é imediata e solene: “Em verdade, eu te digo, hoje estarás comigo no Paraíso” (23,43). Para o pecador que, aflito, clama socorro, a resposta de Jesus vem na forma de perdão, que é uma marca da narrativa da paixão em Lucas. Quando crucificado, a primeira fala de Jesus é: “Pai, perdoa-lhes: não sabem o que fazem” (Lc 23,34), presente somente na obra lucana. A última palavra dirigida aos homens é o perdão em forma de promessa ao malfeitor. Há também uma dimensão tríplice do perdão no contexto da paixão: o malfeitor na cruz (23,39-42), a cura do servo do sumo sacerdote, o qual teve sua orelha curada (22,50-51), além do perdão dos algozes na cruz (23,34).

Na teologia lucana, o perdão ganha um caráter senhorial, identificador do Messias. A visão retributiva

35 Trabalhamos a justiça misericordiosa que marca o relato do malfeitor arrependido em: CATENASSI, F. Z.; PERONDI, I.; ARTUSO, V. El malhechor arrependido como ápice de la pasión: Lc 23,39-43 a la luz de la teología lucana. *Theologica Xaveriana*, Bogotá, v. 64, p. 545-567, 2014.

36 SCHWEIZER, E. *Il Vangelo secondo Luca*. Brescia: Paideia, 2000, 340. Fabris (op. cit., p. 235) diz que trata-se de uma súplica que “na tradição religiosa bíblica e judaica, os moribundos e os homens perseguidos pela desgraça dirigem a Deus”. Para Fitzmyer (op. cit., v. 4, p. 504), pode ser um eco de algumas passagens veterotestamentárias: Gn 40,14 ou Sl 106,4.

de justiça por parte do malfeitor (“Quanto a nós, é de justiça; pagamos por nossos atos”, 23,41) é superada pela experiência do amor misericordioso de Deus, que confere a ele muito mais do que havia sido pedido. Jesus não oferece uma salvação futura, mas presente. Em Lucas, Jesus ensinará que diante dos pecadores é possível ir além da Lei, isto é, oferecer o perdão, e isso também significa ir além da justiça. O perdão restaura a unidade que havia sido rompida com o pecado. É assim o agir de Deus que atua com misericórdia e com amor.

Essa justiça misericordiosa é expressa na reação do centurião na cruz na versão de Lucas. Em Marcos e Mateus, o centurião chama Jesus de “filho de Deus” (Mc 15,39; Mt 27,54); Lucas traz a versão: “Realmente, este homem era justo!” (23,47). A justiça divina se manifesta na doação gratuita de Jesus e no amor abundante que se manifesta no perdão. Este reconhecimento mostra a força do testemunho de Jesus e do amor do Pai, que não quer que ninguém se perca e que todos se salvem. Há grande alegria no céu por um pecador que se converte. A misericórdia de Deus que fora professada no cântico de Maria (“e sua misericórdia perdura de geração em geração”, Lc 1,50) se torna presente no alto do Calvário. Ali, há representantes de gerações não pertencentes ao

povo eleito. Eles são objeto da predileção do amor de Deus.

## 7. A misericórdia como programa de vida

O texto de Mateus e o de Lucas apresentam aos cristãos um grande discurso de Jesus, na montanha e na planície (Mt 5-7; Lc 6,17-49), respectivamente, que traçam as linhas da ética proposta no Reino de Deus. São linhas mestras, que situam o comportamento dos homens no projeto de salvação divino, norteado pela justiça misericordiosa que caracteriza o próprio Deus. Para os dois evangelistas, parte do discurso trata de mostrar como ser verdadeiros imitadores do Pai, à luz da máxima de Lv 19,2: “Sede santos, porque eu, YHWH vosso Deus, sou santo”.

Cada evangelista interpreta o Levítico à sua maneira<sup>37</sup>. Mateus, após a discussão sobre a sentença “amarás ao teu próximo e odiarás ao teu inimigo”, apresenta Jesus como verdadeiro hermeneuta da Lei, que ensina o amor gratuito aos amigos e aos inimigos: “deveis ser

<sup>37</sup> BOVON, op. cit., v. 1, p. 457.

perfeitos como o vosso Pai celeste é perfeito” (Mt 5,48), dando à sentença um caráter parenético. Lucas, após um belo discurso sobre o amor aos inimigos (6,27-35), que devem ser tratados com bondade, pois o Deus Altíssimo é bom e é assim que Ele trata a todos (6,35), ensina: “Sede misericordiosos como o vosso Pai é misericordioso” (6,36). Ao mudar o termo “perfeito” para “misericordioso” (no grego, *oiktirmos*), Lucas assume a sentença como um fundamento teológico.

O uso de *oiktirmos* é interessante. Na versão grega da Bíblia Hebraica, a LXX, é usado predominantemente para Deus. Com isso, seguindo o profeta Oseias, Lucas quer ensinar que a forma mais digna de viver, aproximando-se do plano original de Deus (ou do ser mesmo de Deus), é agindo com misericórdia.

Mudando o contexto de Mateus, Lucas não apresenta mais um discurso sobre como devemos agir com os inimigos, mas como devemos viver entre irmãos! São quatro regras simples e objetivas: não julgar, não condenar, perdoar e dar (6,37-38a). Esta é a medida, o modo de agir da comunidade: “com a medida com que medirdes, sereis medidos também” (6,38b). Por isso, Jesus diz “vosso Pai”, para reforçar a ligação que devemos ter entre nós irmãos e nosso Deus.

A prática da misericórdia, que se desdobra nas quatro atitudes descritas, concretiza-se como condição para entrar no reino de Deus, como será evidenciado posteriormente, na parábola do bom samaritano (10,30-37)<sup>38</sup>. Em Lc 11,42, Jesus condena os fariseus e os legisladores porque estão preocupados com o dízimo dos produtos da terra, mas esquecem das práticas interiores que dão sentido para as exteriores: a justiça e o amor (*agape*) de Deus! Não é possível agradar a Deus se as atitudes de amor e misericórdia não movem a engrenagem da existência.

Estas orientações são fundamentais para que a comunidade cresça e sobreviva. A comunidade de irmãos não é formada por anjos celestiais imunes ao mal e ao pecado. Os conflitos e diferenças são próprios dos seres humanos. Mas é preciso aprender a conviver com eles, superar diferenças, praticar a tolerância, respeitar as fragilidades e mesmo os pecados dos irmãos. Só o perdão e a bondade restauram as feridas na comunidade de irmãos. E então Jesus nos convida à prática da misericórdia, porque é assim que é o agir do nosso Deus. Para imitar o agir de Deus, não basta um sentimento mo-

38 CAMBIER; LEÓN-DUFOUR, op. cit., p. 598.

mentâneo de piedade pelo irmão, é preciso uma atitude estável, que nasce de um novo olhar para a vida, de uma nova mentalidade<sup>39</sup>.

## 8. Considerações Finais

Nesta edição dos *Cadernos Teologia Pública*, propusemos um estudo da misericórdia no Evangelho de Lucas. Em primeiro lugar, resgatamos termos hebraicos e gregos para conhecer as categorias que Lucas tinha em seu arcabouço linguístico para representar a atitude amorosa de Deus em favor da humanidade. A misericórdia de Deus no AT manifesta-se como uma atitude estável, benéfica, que quer salvar os homens. O NT ecoa esta concepção, mas, em Cristo, torna-se a marca do comportamento de Jesus para com os pequenos.

Lucas mostra, de maneira especial, que aqueles que sofrem, os pecadores, os excluídos da vida religiosa e social, são objeto de um amor imerecido por parte de Jesus Cristo. Não como uma atitude externa ou como cumprimento de dever, mas como expressão do próprio

ser do Senhor. Deus é misericórdia, que se reflete em Jesus e se transforma em proposta de vida para que o homem seja feliz. O Evangelho de Lucas nos convida ao encontro com Jesus, que por sua vez quer revelar o rosto misericordioso do Pai e espera de nós uma atitude misericordiosa: “Sede misericordiosos como vosso Pai é misericordioso” (Lc 6,36). É isso que nos pede o Papa Francisco: “Dia após dia, tocados pela sua compaixão, podemos, também nós, tornar-nos compassivos para com todos” (MV 14).

Marcos nos trouxe a figura do Messias que veio anunciar o Reino de Deus (Mc 1,15). Mateus nos revelou o rosto de um Deus da Justiça e Jesus veio também para cumpri-la (Mt 3,15). João nos trouxe a noção de Deus que é Amor (1Jo 3,16; 4,8.16) e o pedido de que nos amemos como ele nos amou (Jo 13,34-35; 15,12). Lucas, por sua vez, apresenta-nos o rosto misericordioso deste Deus que é compaixão (1,78), cujas entranhas se comovem ao ver as situações de sofrimento diante da morte e das tragédias humanas. Lucas nos ensina que a forma mais justa de enxergar a história é pela misericórdia. Quando o encontro com a misericórdia se transforma em proposta de vida, podemos escutar, assim como

39 BAUER, J. B. Misericórdia. In: BAUER, J. B. (Org.). *Dicionário bíblico-teológico*. 2. ed. São Paulo: Loyola, 2004, p. 265.

o crucificado, a promessa que dá à existência um novo horizonte: “hoje estarás comigo no Paraíso” (Lc 23,43).

## 9. Referências

- ARTUSO, V. O Evangelho de Lucas: introdução teológica na perspectiva da missão. *Contemplação*, Marília, v. 6, p. 1-22, 2013.
- BAUER, J. B. Misericórdia. In: BAUER, J. B. (Org.). *Dicionário bíblico-teológico*. 2. ed. São Paulo: Loyola, 2004, p. 265.
- BOVON, F. *El Evangelio según San Lucas*. Salamanca: Sígueme, 1995. 4 v.
- BRODIE, T. L. Towards unraveling Luke's use of the Old Testament: Luke 7:11-17 as an *Imitatio* of 1 Kings 17:17-24. *New Testament Studies*, Cambridge, v. 32, n. 2, p. 247-267, 1986.
- BROWN, R. E. *O nascimento do Messias: comentário das narrativas da infância nos evangelhos de Mateus e Lucas*. São Paulo: Paulinas, 2005.
- BUZZETTI, C. *Dizionario base del Nuovo Testamento (com statistica-base) Greco-Italiano*. Roma: Società Biblica Britannica & Forestiera, 1994.
- CAMBIER, J.; LEÓN-DUFOUR, X. Misericórdia. In: LEÓN-DUFOUR, X. et al. *Vocabulário de teologia bíblica*. Petrópolis: Vozes, 1972, p. 595.
- CASALEGNO, A. *Lucas: a caminho com Jesus missionário*. São Paulo: Loyola, 2003.
- CATENASSI, F. Z.; PERONDI, I.; ARTUSO, V. El malhechor arrepentido como ápice de la pasión: Lc 23,39-43 a la luz de la teología lucana. *Theologica Xaveriana*, Bogotá, v. 64, p. 545-567, 2014.
- CRADDOCK, F. B. *Luca*. Torino: Claudiana, 2002.
- ERNST, J. *Il Vangelo secondo Luca*. Brescia: Morcelliana, 1985, v. 2.
- ESSER, H. H. Misericórdia, Compaixão. In: COENEN, L.; BROWN, C. *Novo dicionário internacional de teologia do Novo Testamento*. 3. ed. São Paulo: Vida Nova, 1985, p. 176-182.
- FABRIS, R. O Evangelho de Lucas. In: FABRIS, R.; MAGGIONI, B. *Os Evangelhos II*. 4. ed. São Paulo: Loyola, 2006, p. 9-248.
- FAUSTI, S. *Una comunità legge il vangelo di Luca*. Bologna: EDB, 2011.
- FITZMYER, J. A. *El Evangelio según Lucas*. Madrid: Cristiandad, 1986-2005. 4 v.
- GEORGE, A., *Leitura do Evangelho segundo Lucas*, São Paulo: Paulinas, 1982.
- GOURGES, M. *As parábolas de Lucas: do contexto às ressonâncias*. São Paulo: Loyola, 2005.
- GREEN, J. B. *The gospel of Luke*. Grand Rapids: Eerdmans, 1997.
- HARNISCH, W. *Las parábolas de Jesús: una introducción hermenéutica*. Salamanca: Sígueme, 1989.
- JEREMIAS, J. *Las parábolas de Jesús*. 3. ed. Estella: Verbo Divino, 1974.
- KODELL, J. *Lucas*, in: BERGANT, D.; KARRIS, R. J. *Comentário bíblico*. 3. ed. São Paulo: Loyola, 2001, p. 73-108.
- KÖSTER, H. *σπαραγμῶν*. In: KITTEL, G. (Ed.). *Grande lessico del Nuovo Testamento*. Brescia: Paideia, 1963-1988, p. 903-934.
- LARKIN JR. W. J. Luke's use of the Old Testament as a key to his soteriology. *Journal of the Evangelical Theological Society*, Louisville, v. 20, p. 325-335, 1977.
- MARSHALL, I. H. *The gospel of Luke*. Carlisle: The Paternoster, 1978.

MAZZAROLO, I. *Lucas: a antropologia da salvação*. Rio de Janeiro: Mazzarolo, 2004.

MCKENZIE J. L. *Dicionário bíblico*. São Paulo: Paulus, 1984, p. 562-563.

MEYNET, R. *Il Vangelo secondo Luca: analisi retorica*. Roma: EDB, 1994.

PERONDI, I. A compaixão de Jesus com a mãe viúva de Naim (Lc 7,11-17): o emprego do verbo *splangxizomai* na perícopes e no Evangelho de Lucas. 2015. 300p. Tese (Doutorado em Teologia) – Universidade do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2015.

\_\_\_\_\_. Lucas: o Evangelho da Misericórdia! *Estudos Bíblicos*, Petrópolis, v. 33, n. 130, p. 56-67, abr./jun. 2016.

\_\_\_\_\_. Presença do verbo mover-se de compaixão (*σπλαγγνίζομαι*) nos evangelhos sinóticos. *Atualidade Teológica*, Rio de Janeiro, v. 46, p. 162-173, jan./abr. 2014.

PERONDI, I.; CATENASSI, F.; SILVA, G. S. A centralidade da Palavra de Deus em Lc 5,1-11. *Horizonte*, Belo Horizonte, v. 11, n. 30, p. 682-708, 2013.

SCHWEIZER, E. *Il Vangelo secondo Luca*. Brescia: Paideia, 2000.

STÖGER, A. *O Evangelho segundo Lucas*. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1984.

STUHLMUELLER, C. *Evangelho de Lucas*, São Paulo: Paulinas, 1975.



## Cadernos Teologia Pública

- N. 1 *Hermenêutica da tradição cristã no limiar do século XXI* – Johan Koenigs, SJ
- N. 2 *Teologia e Espiritualidade. Uma leitura Teológico-Espiritual a partir da Realidade do Movimento Ecológico e Feminista* – Maria Clara Bingemer
- N. 3 *A Teologia e a Origem da Universidade* – Martin N. Dreher
- N. 4 *No Quarentenário da Lumen Gentium* – Frei Boaventura Kloppenburg, OFM
- N. 5 *Conceito e Missão da Teologia em Karl Rahner* – Érico João Hammes
- N. 6 *Teologia e Diálogo Inter-Religioso* – Cleusa Maria Andreatta
- N. 7 *Transformações recentes e perspectivas de futuro para a ética teológica* – José Roque Junges, SJ
- N. 8 *Teologia e literatura: profetismo secular em “Vidas Secas”, de Graciliano Ramos* – Carlos Ribeiro Caldas Filho
- N. 9 *Diálogo inter-religioso: Dos “cristãos anônimos” às teologias das religiões* – Rudolf Eduard von Sinner
- N. 10 *O Deus de todos os nomes e o diálogo inter-religioso* – Michael Amaladoss, SJ
- N. 11 *A teologia em situação de pós-modernidade* – Geraldo Luiz De Mori, SJ
- N. 12 *Teologia e Comunicação: reflexões sobre o tema* – Pedro Gilberto Gomes, SJ
- N. 13 *Teologia e Ciências Sociais* – Orivaldo Pimentel Lopes Júnior
- N. 14 *Teologia e Bioética* – Santiago Roldán García
- N. 15 *Fundamentação Teológica dos Direitos Humanos* – David Eduardo Lara Corredor
- N. 16 *Contextualização do Concílio Vaticano II e seu desenvolvimento* – João Batista Libânio, SJ
- N. 17 *Por uma Nova Razão Teológica. A Teologia na Pós-Modernidade* – Paulo Sérgio Lopes Gonçalves
- N. 18 *Do ter missões ao ser missionário – Contexto e texto do Decreto Ad Gentes revisitado 40 anos depois do Vaticano II* – Paulo Suess
- N. 19 *A teologia na universidade do século XXI segundo Wolfhart Pannenberg* – 1ª parte – Manfred Zeuch
- N. 20 *A teologia na universidade do século XXI segundo Wolfhart Pannenberg* – 2ª parte – Manfred Zeuch
- N. 21 *Bento XVI e Hans Küng. Contexto e perspectivas do encontro em Castel Gandolfo* – Karl-Josef Kuschel
- N. 22 *Terra habitável: um desafio para a teologia e a espiritualidade cristãs* – Jacques Arnould
- N. 23 *Da possibilidade de morte da Terra à afirmação da vida. A teologia ecológica de Jürgen Moltmann* – Paulo Sérgio Lopes Gonçalves
- N. 24 *O estudo teológico da religião: Uma aproximação hermenêutica* – Walter Ferreira Salles
- N. 25 *A historicidade da revelação e a sacramentalidade do mundo – o legado do Vaticano II* – Frei Sinivaldo S. Tavares, OFM
- N. 26 *Um olhar Teopoético: Teologia e cinema em O Sacrifício, de Andrei Tarkovski* – Joe Marçal Gonçalves dos Santos
- N. 27 *Música e Teologia em Johann Sebastian Bach* – Christoph Theobald
- N. 28 *Fundamentação atual dos direitos humanos entre judeus, cristãos e muçulmanos: análises comparativas entre as religiões e problemas* – Karl-Josef Kuschel
- N. 29 *Na fragilidade de Deus a esperança das vítimas. Um estudo da cristologia de Jon Sobrino* – Ana María Formoso
- N. 30 *Espiritualidade e respeito à diversidade* – Juan José Tamayo-Acosta
- N. 31 *A moral após o individualismo: a anarquia dos valores* – Paul Valadier

- N. 32 *Ética, alteridade e transcendência* – Nilo Ribeiro Junior
- N. 33 *Religiões mundiais e Ethos Mundial* – Hans Küng
- N. 34 *O Deus vivo nas vozes das mulheres* – Elisabeth A. Johnson
- N. 35 *Posição pós-metafísica & inteligência da fé: apontamentos para uma outra estética teológica* – Vitor Hugo Mendes
- N. 36 *Conferência Episcopal de Medellín: 40 anos depois* – Joseph Comblin
- N. 37 *Nas pegadas de Medellín: as opções de Puebla* – João Batista Libânio
- N. 38 *O cristianismo mundial e a missão cristã são compatíveis?: insights ou percepções das Igrejas asiáticas* – Peter C. Phan
- N. 39 *Caminhar descalço sobre pedras: uma releitura da Conferência de Santo Domingo* – Paulo Suess
- N. 40 *Conferência de Aparecida: caminhos e perspectivas da Igreja Latino-Americana e Caribenha* – Benedito Ferraro
- N. 41 *Espiritualidade cristã na pós-modernidade* – Ildo Perondi
- N. 42 *Contribuições da Espiritualidade Franciscana no cuidado com a vida humana e o planeta* – Ildo Perondi
- N. 43 *A Cristologia das Conferências do Celam* – Vanildo Luiz Zugno
- N. 44 *A origem da vida* – Hans Küng
- N. 45 *Narrar a Ressurreição na pós-modernidade. Um estudo do pensamento de Andrés Torres Queiruga* – Maria Cristina Giani
- N. 46 *Ciência e Espiritualidade* – Jean-Michel Maldamé
- N. 47 *Marcos e perspectivas de uma Catequese Latino-americana* – Antônio Cechin
- N. 48 *Ética global para o século XXI: o olhar de Hans Küng e Leonardo Boff* – Águeda Bichels
- N. 49 *Os relatos do Natal no Alcorão (Sura 19,1-38; 3,35-49): Possibilidades e limites de um diálogo entre cristãos e muçulmanos* – Karl-Josef Kuschel
- N. 50 *"Ite, missa est!": A Eucaristia como compromisso para a missão* – Cesare Giraud, SJ
- N. 51 *O Deus vivo em perspectiva cósmica* – Elisabeth A. Johnson
- N. 52 *Eucaristia e Ecologia* – Denis Edwards
- N. 53 *Escatologia, militância e universalidade: Leituras políticas de São Paulo hoje* – José A. Zamora
- N. 54 *Mater et Magistra – 50 Anos* – Entrevista com o Prof. Dr. José Oscar Beozzo
- N. 55 *São Paulo contra as mulheres? Afirmação e declínio da mulher cristã no século I* – Daniel Marguerat
- N. 56 *Igreja Introvertida: Dossiê sobre o Motu Proprio "Summorum Pontificum"* – Andrea Grillo
- N. 57 *Perdendo e encontrando a Criação na tradição cristã* – Elizabeth A. Johnson
- N. 58 *As narrativas de Deus numa sociedade pós-metafísica: O cristianismo como estilo* – Christoph Theobald
- N. 59 *Deus e a criação em uma era científica* – William R. Stoeger
- N. 60 *Razão e fé em tempos de pós-modernidade* – Franklin Leopoldo e Silva
- N. 61 *Narrar Deus: Meu caminho como teólogo com a literatura* – Karl-Josef Kuschel
- N. 62 *Wittgenstein e a religião: A crença religiosa e o milagre entre fé e superstição* – Luigi Perissinotto
- N. 63 *A crise na narração cristã de Deus e o encontro de religiões em um mundo pós-metafísico* – Felix Wilfred
- N. 64 *Narrar Deus a partir da cosmologia contemporânea* – François Euvé
- N. 65 *O Livro de Deus na obra de Dante: Uma releitura na Baixa Modernidade* – Marco Lucchesi
- N. 66 *Discurso feminista sobre o divino em um mundo pós-moderno* – Mary E. Hunt
- N. 67 *Silêncio do deserto, silêncio de Deus* – Alexander Nava
- N. 68 *Narrar Deus nos dias de hoje: possibilidades e limites* – Jean-Louis Schlegel
- N. 69 *(Im)possibilidades de narrar Deus hoje: uma reflexão a partir da teologia atual* – Degislano Nóbrega de Lima
- N. 70 *Deus digital, religiosidade online, fiel conectado: Estudos sobre religião e internet* – Moisés Sbardelotto
- N. 71 *Rumo a uma nova configuração eclesial* – Mario de França Miranda
- N. 72 *Crise da racionalidade, crise da religião* – Paul Valadier
- N. 73 *O Mistério da Igreja na era das mídias digitais* – Antonio Spadaro
- N. 74 *O seguimento de Cristo numa era científica* – Roger Haight

- N. 75 *O pluralismo religioso e a igreja como mistério: A eclesiologia na perspectiva inter-religiosa* – Peter C. Phan
- N. 76 *50 anos depois do Concílio Vaticano II: indicações para a semântica religiosa do futuro* – José Maria Vigil
- N. 77 *As grandes intuições de futuro do Concílio Vaticano II: a favor de uma “gramática gerativa” das relações entre Evangelho, sociedade e Igreja* – Christoph Theobald
- N. 78 *As implicações da evolução científica para a semântica da fé cristã* – George V. Coyne
- N. 79 *Papa Francisco no Brasil – alguns olhares*
- N. 80 *A fraternidade nas narrativas do Gênesis: Dificuldades e possibilidades* – André Wénin
- N. 81 *Há 50 anos houve um concílio...: significado do Vaticano II* – Victor Codina
- N. 82 *O lugar da mulher nos escritos de Paulo* – Eduardo de la Serna
- N. 83 *A Providência dos Profetas: uma Leitura da Doutrina da Ação Divina na Bíblia Hebraica a partir de Abraham Joshua Heschel* – Élcio Verçosa Filho
- N. 84 *O desencantamento da experiência religiosa contemporânea em House: “creia no que quiser, mas não seja idiota”* – Renato Ferreira Machado
- N. 85 *Interpretações polissêmicas: um balanço sobre a Teologia da Libertação na produção acadêmica* – Alexandra Lima da Silva & Rhaissa Marques Botelho Lobo
- N. 86 *Diálogo inter-religioso: 50 anos após o Vaticano II* – Peter C. Phan
- N. 87 *O feminino no Gênesis: A partir de Gn 2,18-25* – André Wénin
- N. 88 *Política e perversão: Paulo segundo Žižek* – Adam Kotsko
- N. 89 *O grito de Jesus na cruz e o silêncio de Deus. Reflexões teológicas a partir de Marcos 15,33-39* – Francine Bigaouette, Alexander Nava e Carlos Arthur Dreher
- N. 90 *A espiritualidade humanística do Vaticano II: Uma redefinição do que um concílio deveria fazer* – John W. O’Malley
- N. 91 *Religiões brasileiras no exterior e missão reversa* – Vol. 1 – Alberto Groisman, Alejandro Frigerio, Brenda Carranza, Carmen Sílvia Rial, Cristina Rocha, Manuel A. Vásquez e Ushi Arakaki
- N. 92 *A revelação da “morte de Deus” e a teologia materialista de Slavoj Žižek* – Adam Kotsko
- N. 93 *O êxito das teologias da libertação e as teologias americanas contemporâneas* – José Oscar Beozzo
- N. 94 *Vaticano II: a crise, a resolução, o fator Francisco* – John O’Malley
- N. 95 *“Gaudium et Spes” 50 anos depois: seu sentido para uma Igreja aprendente* – Massimo Faggioli
- N. 96 *As potencialidades de futuro da Constituição Pastoral Gaudium et spes: por uma fé que sabe interpretar o que advém* – Aspects epistemológicos e constelações atuais – Christoph Theobald
- N. 97 *500 Anos da Reforma: Luteranismo e Cultura nas Américas* – Vitor Westhelle
- N. 98 *O Concílio Vaticano II e o aggiornamento da Igreja* – No centro da experiência: a liturgia, uma leitura contextual da Escritura e o diálogo – Gilles Routhier
- N. 99 *Pensar o humano em diálogo crítico com a Constituição Gaudium et Spes* – Geraldo Luiz De Mori
- N. 100 *O Vaticano II e a Escatologia Cristã: Ensaio a partir de leitura teológico-pastoral da Gaudium et Spes* – Afonso Murad
- N. 101 *Concílio Vaticano II: o diálogo na Igreja e a Igreja do Diálogo* – Elias Wolff
- N. 102 *A Constituição Dogmática Dei Verbum e o Concílio Vaticano II* – Flávio Martinez de Oliveira
- N. 103 *O pacto das catacumbas e a Igreja dos pobres hoje!* – Emerson Sbardelotti Tavares
- N. 104 *A exortação apostólica Evangelii Gaudium: Esboço de uma interpretação original do Concílio Vaticano II* – Christoph Theobald
- N. 105 *Misericórdia, Amor, Bondade: A Misericórdia que Deus quer* – Ney Brasil Pereira
- N. 106 *Eclesialidade, Novas Comunidades e Concílio Vaticano II: As Novas Comunidades como uma forma de autorrealização da Igreja* – Rejane Maria Dias de Castro Bins

- N. 107 *O Vaticano II e a inserção de categorias históricas na teologia* – Antonio Manzatto
- N. 108 *Morte como descanso eterno* – Luís Inacio João Stadelmann
- N. 109 *Cuidado da Criação e Justiça Ecológica-Climática. Uma perspectiva teológica e ecumênica* – Guillermo Kerber
- N. 110 *A Encíclica Laudato Si' e os animais* - Gilmar Zampieri
- N. 111 *O vínculo conjugal na sociedade aberta. Repensamentos à luz de Dignitatis Humanae e Amoris Laetitia* – Andrea Grillo
- N. 112 *O ensino social da Igreja segundo o Papa Francisco* – Christoph Theobald
- N. 113 *Lutero, Justiça Social e Poder Político: Aproximações teológicas a partir de alguns de seus escritos* – Roberto E. Zwetsch
- N. 114 *Laudato Si', o pensamento de Morin e a complexidade da realidade* – Giuseppe Fumarco
- N. 115 *A condição paradoxal do perdão e da misericórdia. Desdobramentos éticos e implicações políticas* – Castor Bartolomé Ruiz
- N. 116 *A Igreja em um contexto de "Reforma digital": rumo a um sensus fidelium digitalis?* Moisés Sbardelotto
- N. 117 *Laudato Si' e os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável: uma convergência?* – Gaël Giraud e Philippe Orliange



**Ildo Perondi.** Frei capuchinho, Mestre em Teologia Bíblica pela Pontifícia Universidade Urbaniana de Roma e Doutor em Teologia Bíblica pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro – PUC-Rio. Professor de Sagradas Escrituras na Pontifícia Universidade do Paraná – PUCPR e Coordenador do Curso de Teologia da Pontifícia Universidade do Paraná – PUCPR (Campus Londrina).

### **Publicações do autor**

PERONDI, Ildo. A confiança do peregrino está no Senhor: Salmo 121. In: GERSTENBERGER, E. S.; ROSSI, L. A. S. (Org.). *Salmos: experiência de Deus na vida do povo*. Santo André: Academia Cristã, 2015, p. 122-137.

\_\_\_\_\_. Um anúncio de esperança para Sião e Jerusalém: Miqueias 4,1-8. In: ROSSI, L. A. S. (Org.). *Miqueias: memórias libertadoras de um líder camponês*. São Paulo: Paulinas, 2016, p. 84-99.

\_\_\_\_\_. *E me verás pelas costas*. Curso bíblico sobre o Antigo Testamento. São Leopoldo: Oikos, 2009.

### **Outras contribuições**

PERONDI, Ildo. *Espiritualidade cristã na pós-modernidade*. Cadernos Teologia Pública IHU. Ano V. n° 41. São Leopoldo: Unisinos, 2008.

\_\_\_\_\_. *Contribuições da Espiritualidade Franciscana no cuidado com a vida humana e o planeta*. Cadernos Teologia Pública IHU. Ano V. n° 42. São Leopoldo: Unisinos, 2008.



**Fabrizio Zandonadi Catenassi.** Mestre em Teologia pela Pontifícia Universidade do Paraná – PUCPR e Doutorando em Teologia pela Pontifícia Universidade do Paraná – PUCPR. Professor de Sagradas Escrituras e Coordenador da Pós-graduação em Teologia Bíblica no Centro Universitário – Católica de Santa Catarina. Coordenador do Grupo de Estudo em Bíblia, Teologia e Narratologia.

### **Publicações do autor**

CATENASSI, Fabrizio Zandonadi. Minha companhia são as trevas: o salmo 88 e o culto em Israel. In: GERSTENBERGER, E. S.; ROSSI, L. A. S. (Org.). *Salmos: experiência de Deus na vida do povo*. Santo André: Academia Cristã, 2015, p. 82-105.

\_\_\_\_\_. A paz messiânica e o julgamento implacável de Deus: Miqueias 5,4-14. In: ROSSI, L. A. S. (Org.). *Miqueias: memórias libertadoras de um líder camponês*. São Paulo: Paulinas, 2016, p. 112-135.

\_\_\_\_\_; PERONDI, I.; ARTUSO, V. El malhechor arrepentido como ápice de la pasión: Lc 23,39-43 a la luz de la teología lucana. *Theologica Xaveriana*, Bogotá, v. 64, p. 545-567, 2014.

